

# SITUAÇÕES DE LONDRINA

**HERVE THERY**

Directeur de recherche au CNRS  
Universidade de São Paulo  
hthery@aol.com

**NELI APARECIDA DE MELLO**

Universidade de São Paulo

**MIRIAN VIZINTIM FERNANDES BARROS**

**ROSELY SAMPAIO ARCHELA**

**OMAR NETO FERNANDES BARROS**

**LÚCIA HELENA BATISTA GRATÃO**

Universidade Estadual de Londrina

## RESUMO

O texto apresenta alguns elementos de reflexões sobre A situação da cidade de Londrina (Paraná) é analisada neste artigo, em conformidade com os conceitos da "análise prospectiva dos territórios", desenvolvida na França na Maison de la Géographie de Montpellier, nos anos 1990. Londrina é analisada a partir de um conjunto de mapas estatísticos, nas escalas do país, do Sul-Sudeste e do Paraná. É também apresentada nos seus relacionamentos, denominados "campos de força", nas escalas nacional e continental, tanto no âmbito dos grandes conjuntos naturais como das zonas de influência urbano-industriais e das rotas continentais. Este artigo utiliza dados do Atlas Ambiental da Cidade de Londrina, 2005, como exemplo para o seu contexto teórico.

**PALAVRAS CHAVES:** Londrina. Situação. Campos de força.

## LONDRINA'S SITUATION

### ABSTRACT

The situation of Londrina (Paraná) is analyzed in this article in accordance with the concepts of the "prospective analysis of territories", developed at the Maison de la Géographie de Montpellier, in the 1990s. The analysis starts out with a discussion of statistical maps that depict Londrina at the scales of the country, of the South-Southeast region of Brazil and of the state of

Paraná. The city is then moved to a different analytical plane and the focus of attention is placed on the relationships (“fields of force”) it maintains at the national and continental scales, as well as within the framework of the great natural ensembles, of the zones of urban and industrial influence and of the main continental roads. The article draws upon data provided by the Environmental Atlas of Londrina, 2005.

**KEY WORDS:** Londrina. Situation. Fields of force.

## SITUATIONS DE LONDRINA

### RESUME

La situation de la ville de Londrina (Paraná) est analysée dans cet article conformément aux concepts de l’« analyse prospective des territoires », développée à Maison de la Géographie de Montpellier, dans les années 1990. Elle est analysée à partir d’un ensemble de cartes statistiques, aux échelles du pays, du Sul-Sudeste et du Paraná. Sont également présentées ses relations, ou « champs de force », aux échelles nationale et continentale, tant les grands ensembles naturels que les zones d’influence urbaine et industrielle, ou les grands itinéraires continentaux. Cet article utilise des données de l’Atlas Environnemental de la Ville de Londrina, 2005 replacées dans leur contexte théorique

**MOTS CLES :** Londrina. Situation. Champs de force.

Qualquer território apresenta singularidades<sup>1</sup> de acordo com sua situação geográfica, que seus habitantes aceitam, exploram ou, pelo contrário, contestam, agindo para combater determinações negativas e paliar conseqüências. A avaliação prospectiva dos territórios, abordagem recente da geografia regional francesa (ECKERT, 1996) começa, portanto, por um exame atento das situações<sup>2</sup> do lugar analisado e de seu espaço de relações.

---

<sup>1</sup> Para retomar aqui a palavra usada no título do primeiro texto escrito por um francês sobre o Brasil, *Les singularités de la France Antarctique*, de André Thévet (LESTRINGANT, 1997).

<sup>2</sup> Usando aqui o plural, em referencia à multiplicidade dos campos considerados (veja abaixo) e ao título, *Situations*, de dez livros de Jean-Paul Sartre (1948-1976).

Tal abordagem procede de um pressuposto fundamental: existem leis do espaço, efeitos da distância, estruturas espaciais, processos de difusão, enfim, todo um “arsenal” sem o qual nenhuma análise pode ser seriamente fundada e cujas conseqüências ainda não foram completamente exploradas, devido a sua complexidade: as leis que permitem caracterizar e analisar as situações estão longe de ser simples e lineares.

O estudo dessas situações implica mudanças de olhar, de pontos de vista e de escala, as quais devem ser realizadas conjuntamente. Qualquer lugar que olha para si mesmo se coloca como o centro do mundo, mesmo que, às vezes, esteja isolado, marginalizado e encravado quando observado de outro ponto de vista. Esse lugar que pode ser subestimado por estar situado na extremidade do território estudado, revela-se um lugar chave numa estratégia mais ampla, se for visto de um outro ângulo. É, portanto, necessário saber variar os olhares, outros pontos mais elevados e mais distantes, sair do lugar e do espaço considerados. Nenhuma avaliação territorial pode confinar-se dentro do espaço examinado.

Essa avaliação é realizada a partir de dados e mapas e exprime-se, em parte, pelo mapa<sup>3</sup> e, em parte, pelos modelos cartográficos, fundamentados nas leis do espaço, nas relações e nas diversidades das contingências locais. Essas representações são potentes ferramentas e também instrumentos para confrontação, discussão, verificação ou refutação da situação.

O enfoque adotado neste texto também embasou o capítulo Contextuando Londrina do Atlas de Londrina<sup>4</sup>, recentemente publicado pelo grupo IMAP&P, o qual analisa a cidade no seu contexto nacional, regional e estadual antes de situá-la nos seus “campos de força” – uma representação da síntese gráfica proposta pelo método da avaliação prospectiva dos territórios.

## **LONDRINA NO CONTEXTO BRASILEIRO E NAS REGIÕES SUL-SUDESTE**

Londrina é a terceira cidade do Sul do Brasil em termos populacionais, com altos índices de inclusão social, sobretudo quanto à

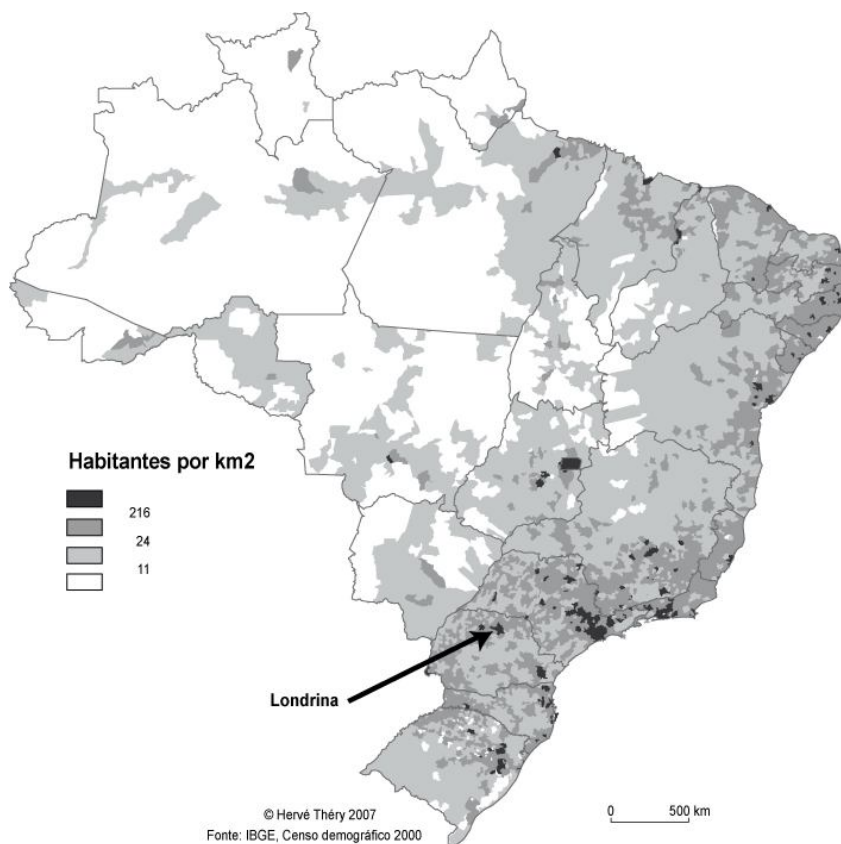
---

<sup>3</sup> A primeira etapa dos mapas de base estatística foi realizada utilizando ora o *software* Philcarto (disponível no *site* <http://perso.club-internet.fr/philgeo/>), ora o *software* Cartes et Données.

<sup>4</sup> Este texto é baseado em sua maior parte no Atlas Ambiental da Cidade de Londrina, fruto de pesquisas realizadas pelo grupo Imagens Paisagens & Personagens (IMAP&P) da Universidade Estadual de Londrina (do qual fazem parte Hervé Théry, Mirian Vizintim Fernandes Barros, Rosely Sampaio Archela, Omar Neto Fernandes Barros, Neli Aparecida de Mello e Lúcia Helena Batista Gratão), cujo *site* é: <http://www.uel.br/atlasambiental/>.

educação, renda *per capita* e índice de desenvolvimento humano. Está no rol das cidades com maior número de pessoas ricas do país (36º lugar), à frente de cidades maiores como: Sorocaba (São Paulo), Uberlândia (Minas Gerais), Caxias do Sul (Rio Grande do Sul) e Aracaju (Sergipe) (POCHMANN e AMORIN, 2004). Isso não significa que, no interior da sede municipal, as disparidades não possam ser consideráveis, mas tal classificação já indica que não se trata de qualquer cidade interiorana.

Em termos de situação demográfica, Londrina está localizada no Brasil “cheio” do Sul-Sudeste e, mais precisamente, na única parte do país onde as fortes densidades (Figura 1) se estendem até as fronteiras ocidentais, não se limitando às regiões costeiras. Essas altas densidades fazem do Norte do Paraná um prolongamento do Estado de São Paulo e terminam bruscamente na fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul. Desse ponto de vista, Londrina, que nasceu no fim dos anos 1920 na “fronteira” pioneira, faz parte, atualmente, das terras consolidadas.

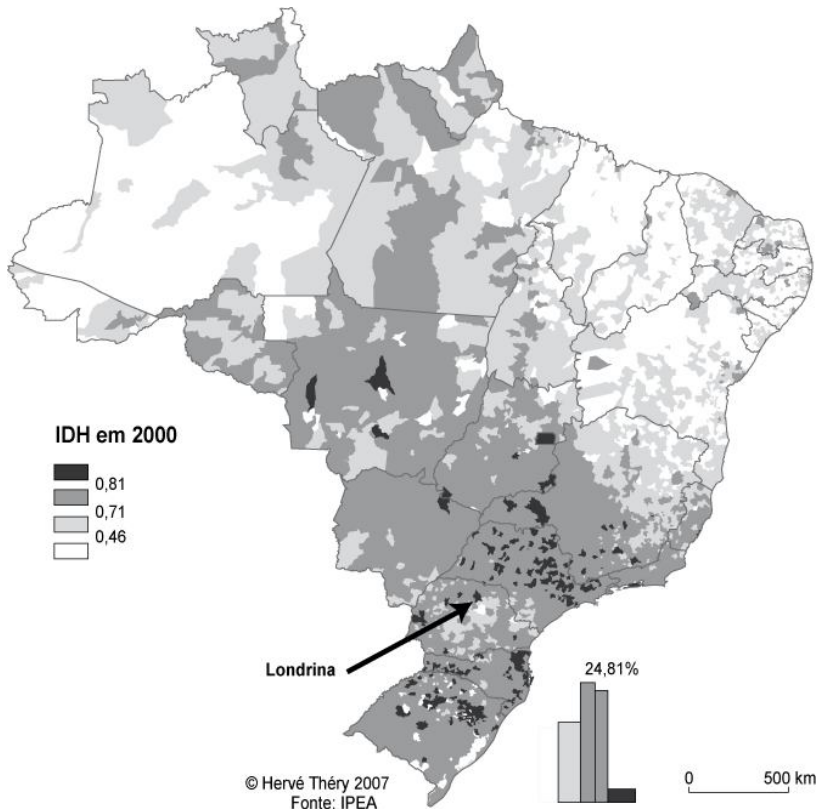


**Figura 1. Densidade de povoamento**

O mapa construído a partir do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (Figura 2) integra Londrina ao Brasil desenvolvido, juntamente com o grande bloco de municípios do Sul-Sudeste, contrapondo-se aos espaços de baixos índices da Região Nordeste e da Amazônia. Outra fronteira aparece, porém, ao sul do município, aquela que separa o Norte do Paraná das regiões do centro do estado, menos povoadas e menos desenvolvidas.

A cidade situa-se próximo ao único espaço de situação preocupante do conjunto Sul-Sudeste, que começa no sul do Estado de São Paulo (Vale do Ribeira) e corta o Estado do Paraná do nordeste ao sudoeste, separando por uma diagonal “oca” as duas regiões mais desenvolvidas do Paraná: a do Litoral e do Primeiro Planalto, polarizadas por Curitiba, e a do norte, polarizada por Londrina e Maringá.

Cabe notar que Londrina contribuiu para o aumento do IDH da Região Centro-Oeste do Brasil – uma região recente de grandes mudanças (MELLO e THÉRY, 2005) –, devido ao processo de migração e de realocação de recursos financeiros e tecnológicos ligados ao deslocamento da cultura da soja. Embora a maior parte desses migrantes provenientes do Sul seja genericamente chamada “gaúchos”, muitos deles são, na verdade, procedentes do Norte do Paraná, onde a soja não encontrava mais espaço suficiente para crescer.



**Figura 2. Índice de desenvolvimento humano 2000**

Como principal centro urbano dessa região densamente povoada e de desenvolvimento avançado, Londrina polariza um espaço amplo, mas sua área de influência é limitada pela presença de cidades de porte similar em regiões vizinhas.

Na classificação da pesquisa Região de Influência das Cidades (REGIC), realizada pelo IBGE em 1993 (e que deve ser reiterada em 2007), Londrina está entre as cidades de “centralidade muito forte”, logo abaixo das cidades de “centralidade máxima”. Estas, poucas numerosas, são as grandes capitais nacionais, cujo raio de influência cobre não apenas todo o seu estado, mas estende-se por estados vizinhos. A classificação põe Londrina na mesma categoria das cidades de porte muito maior, como as capitais amazônicas Belém e Manaus e a capital federal Brasília. Ela faz parte da densa rede de cidades médias, cuja malha cerrada estrutura os territórios do Sudeste e do Sul, uma configuração bem diferente daquela que ocorre no Norte-Nordeste do país. Na verdade, no caso de Londrina, as rivalidades tradicionais com cidades irmãs e concorrentes, como Maringá, Presidente Prudente, Marília etc., contribuem para o desenvolvimento da região, enquanto o mesmo não ocorre em regiões onde a capital estadual tem um papel hegemônico no seu estado, como Fortaleza e São Luís do Maranhão.

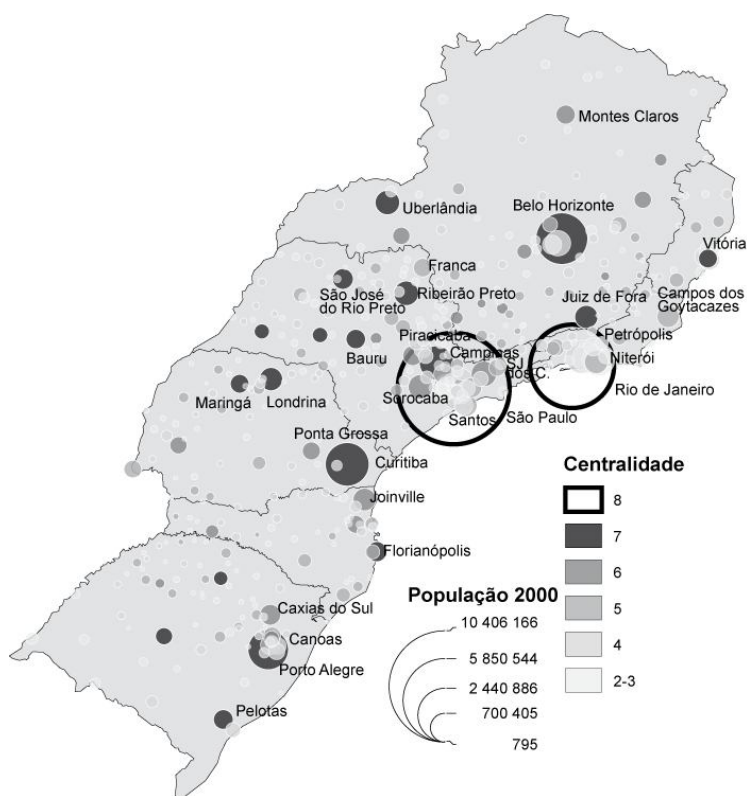
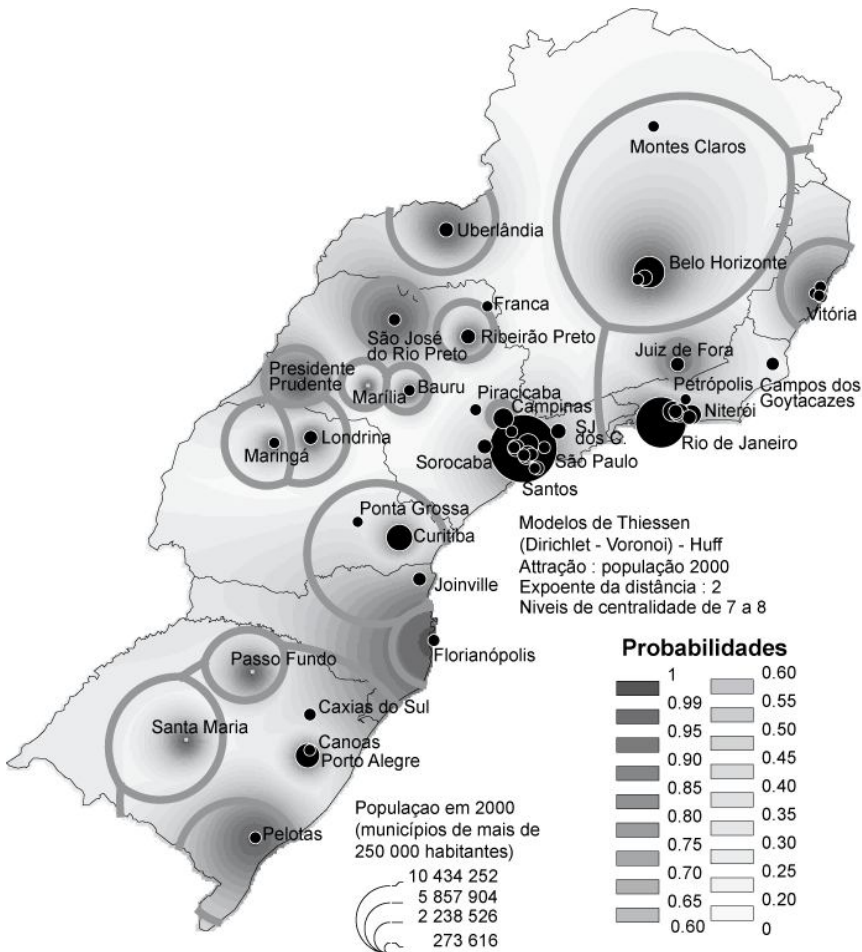


Figura 3. População e centralidade no Sul-Sudeste

Os mapas construídos a partir de um modelo gravitacional baseado na população urbana (Figura 4) e nos dados do PIB local para 2003 (Figura 5) confirmam a análise de 1993 realizada pelo IBGE. O primeiro, usando o algoritmo de Huff para as cidades de “centralidade muito forte” e de “centralidade máxima”, estima as áreas teóricas de influência das cidades usando como “massa” a sua população urbana medida pelo Censo Demográfico 2000. Supondo que essa influência diminui com a distância (ou, para ser mais preciso, com o quadrado da distância), o modelo põe as áreas de Londrina, Maringá e Presidente Prudente em contato direto, separadas das de Marília e Bauru, no Estado de São Paulo, e mais ainda de Curitiba no estado paranaense.



**Figura 4. População e áreas de influência no Sul-Sudeste**

O mapa construído a partir do PIB 2003, sem limitação de tamanho de cidades, é portanto não apenas mais recente como também mais completo que os anteriores. Revela uma configuração de alinhamentos de cidades que corresponde à organização dos eixos de transporte. Apresenta Londrina e Maringá numa situação análoga à de Bauru, Araraquara ou Ribeirão Preto nos seus respectivos alinhamentos de cidades, dominando no Norte do Paraná uma configuração similar àquelas que se estendem ao longo dos espigões que estruturam o interior paulista (outrora percorrido pelas ferrovias e hoje pelas rodovias), ou Uberaba e Uberlândia no Triângulo Mineiro. O mapa confirma também a existência da “depressão central” do Paraná, em termos econômicos, separando nitidamente o Norte do resto do estado.

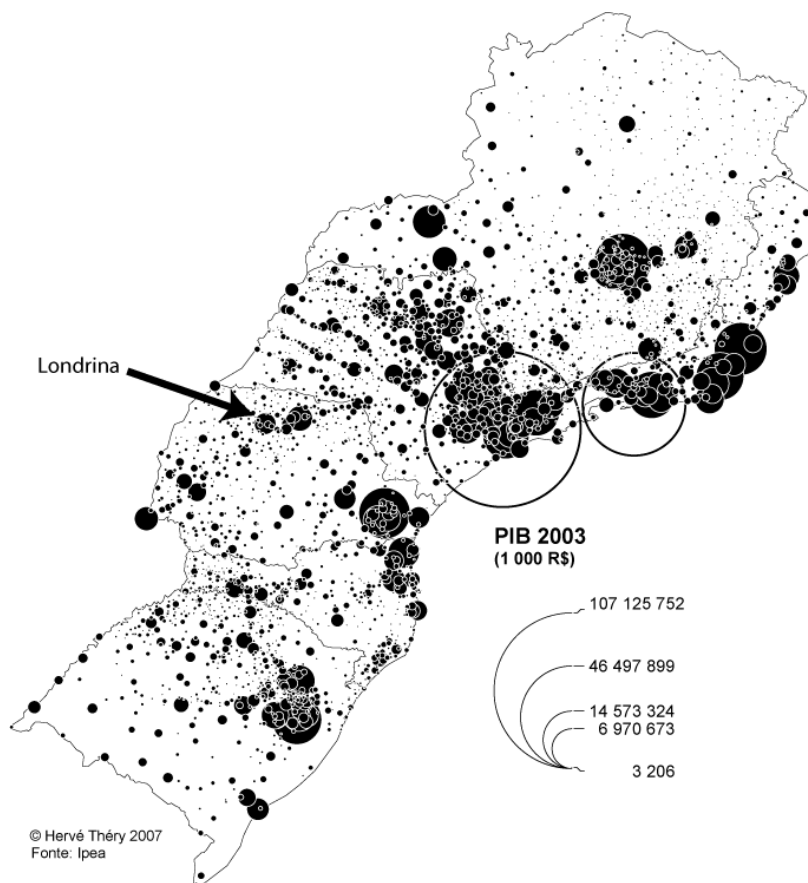


Figura 5. PIB 2003 no Sul-Sudeste

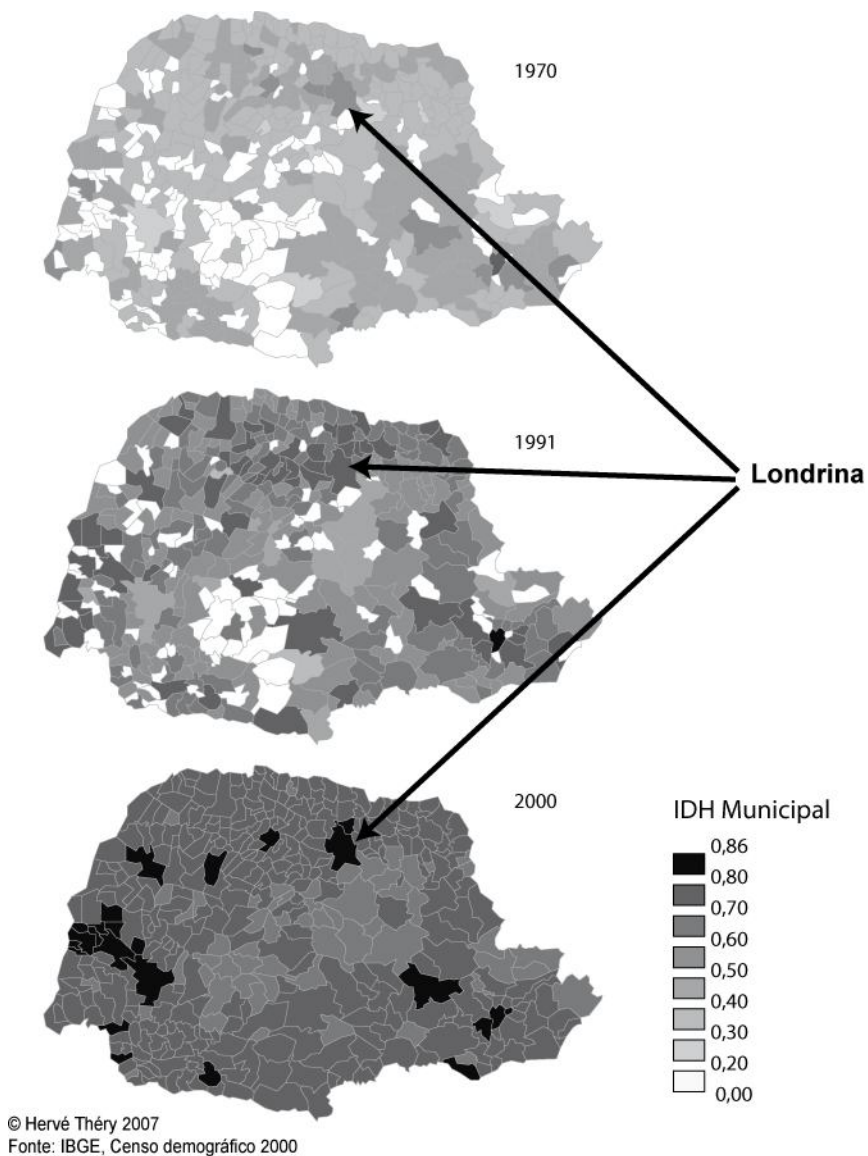


## LONDRINA NO CONTEXTO DO PARANÁ

No Estado do Paraná, o município de Londrina é o segundo em população. No Censo Demográfico 2000, situa-se logo após Curitiba (que tinha perto de 1,6 milhões de habitantes), com 447.065 habitantes, acima de Maringá (288.465), Ponta Grossa (273.469), Foz do Iguaçu (258.368) e Cascavel (245.066). Em termos de população urbana, a hierarquia é a mesma: Londrina com 433.369 habitantes vem à frente de Maringá (283.792), Ponta Grossa (266.552), Foz do Iguaçu (256.349) e Cascavel (228.340).

Londrina faz parte de um conjunto urbano que estrutura a Região Norte do Paraná e forma, com municípios vizinhos (Bela Vista do Paraíso, Cambé, Ibiporã, Jataizinho, Rolândia, Sertanópolis e Tamarana), uma região metropolitana – reconhecida em 1998 – que contava 678.032 habitantes no Censo 2000. Pode-se até considerar, na escala do estado e ainda mais do país, que ela forma com a vizinha Maringá uma única região metropolitana alinhada ao longo da BR 369.

A liderança demográfica também ocorre em termos de desenvolvimento medido por índices sintéticos: a comparação entre três mapas construídos a partir do IDH dos municípios do Paraná para os anos 1970, 1991 e 2000 (Figura 8) revela o progresso global do estado. Sua legenda apresenta as mesmas classes para os três mapas, permitindo a comparação da evolução temporal ao longo da qual Londrina se mantém no grupo mais avançado (que pode ser observado pelas cores mais escuras, as quais denotam um IDH mais alto).



**Figura 6. IDH Paraná**

Em 1970, todo o Estado do Paraná, exceto Curitiba, possuía um IDH médio 0,71 (o IDH varia numa escala de 0 a 1), enquanto Londrina apresentava um índice de 0,55, como Maringá, num mapa que deixava a maior parte do estado em tonalidades mais claras, indicando um desenvolvimento ainda limitado. Em 1991, o mapa apresenta tonalidades

mais escuras, já que uma série de municípios ultrapassa o nível de 0,7 como Londrina e Maringá, que continuam empatadas com 0,79, enquanto Curitiba apresenta o índice de 0,82. Em 2000, vários municípios chegam ao patamar de 0,8, Curitiba mantendo a liderança com 0,86, enquanto Maringá apresenta 0,84 e Londrina 0,82. No mesmo período, alguns municípios com índice muito baixo elevaram seus patamares aproximando-se e, em alguns casos, ultrapassando os índices das cidades do norte paranaense. Isso pode ser observado nos dados dos seguintes municípios: Cascavel passou de 0,27 a 0,41 e 0,81; Pato Branco de 0,47 a 0,78 e 0,85; Pinhão de 0,26 a 0,36 e 0,71. Londrina ocupa a 10ª posição, atrás de Curitiba (1ª), Pato Branco (3ª) e Maringá (6ª) e muito distante do último colocado, Ortigueira (399ª), cidade esta localizada apenas a 170 km ao sul de Londrina.

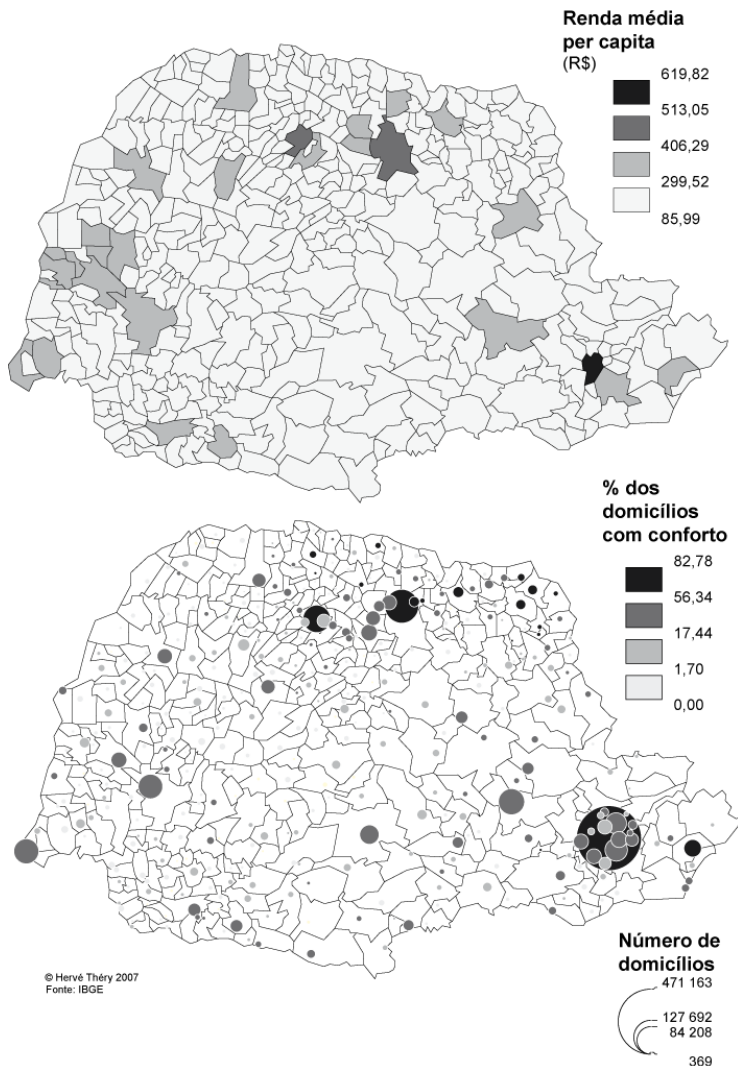


**Figura 7. Poupança no Paraná**

Como resultado do peso demográfico, econômico e social, e do progresso contínuo que manteve esse grupo de municípios à frente do estado e da distância entre eles e a capital, estabeleceu-se uma clara hierarquia como propôs o estudo REGIC. A classificação desse trabalho reconhece Curitiba como única cidade de nível 8. Londrina e Maringá são de nível 7, Ponta Grossa e Cascavel de nível 6, Pato Branco, Foz do Iguaçu, Apucarana, Guarapuava e algumas outras de nível 5. Londrina e Maringá, como duas cidades importantes no Norte do Paraná, constituem portanto um contrapeso à liderança de Curitiba, numa região que, por

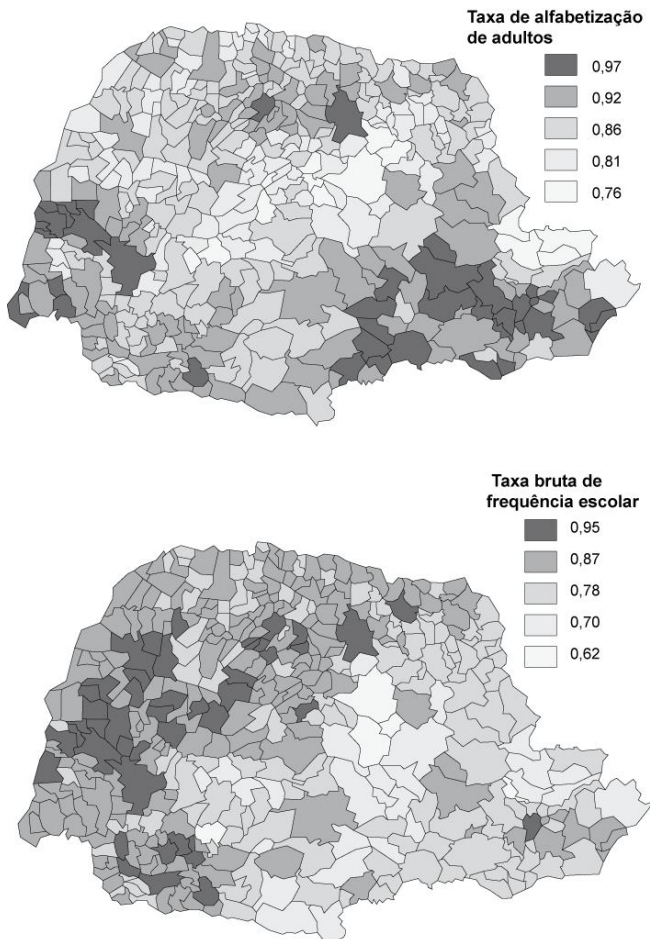
razões históricas, está mais voltada economicamente para São Paulo do que para a capital estadual paranaense.

O volume da poupança depositada nos estabelecimentos bancários, públicos e privados é um outro indicador que assegura a situação das cidades de Londrina e Maringá, logo após a capital, no *ranking* da rede urbana do Paraná (Figura 7). Os depósitos bancários são principalmente concentrados na região de Curitiba e, logo depois, no norte paranaense, onde Londrina e Maringá são os pólos principais.



**Figura 8. Renda *per capita* e nível de conforto dos domicílios**

Tanto a renda *per capita*, como os níveis de conforto dos domicílios (Figura 9) destacam mais uma vez as duas cidades do Norte do Paraná de todo o conjunto estadual, logo após Curitiba e muito à frente do restante dos demais municípios do estado. Quanto à renda *per capita*, elas formam uma categoria que se singulariza, exatamente, por ser intermediária entre a capital, de um lado, os demais centros locais e a massa de municípios tipicamente rurais, do outro. Quanto ao conforto dos domicílios, tanto Londrina e Maringá, como Paranaguá estão na mesma categoria da capital, com mais da metade (56%) dos domicílios dispendo de água canalizada, banheiro e rede de esgoto, situação pouco freqüente em se tratando de municípios do interior.

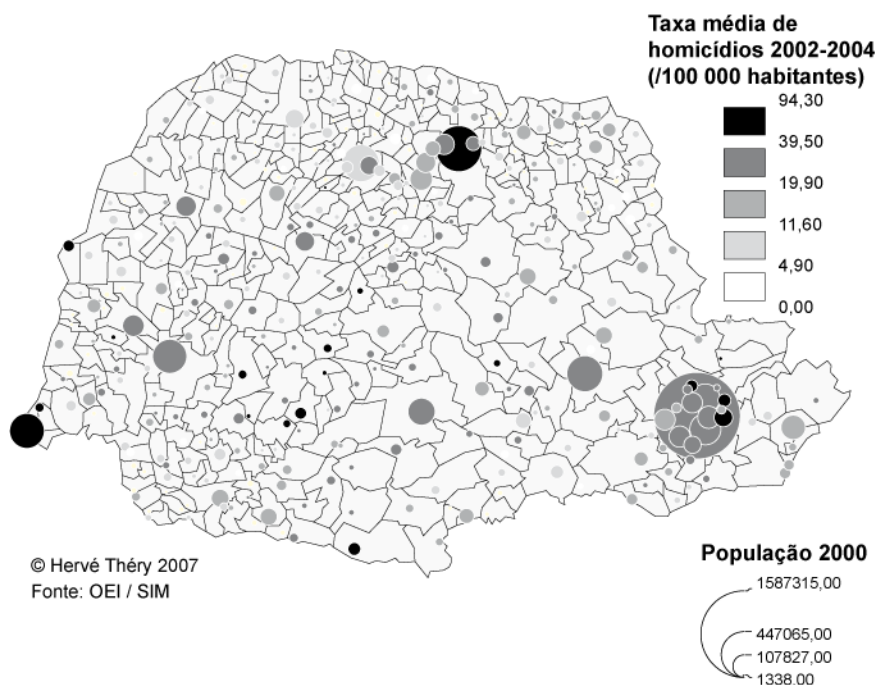


**Figura 9. Taxa de Alfabetização de Adultos e Freqüência Escolar**

Indicadores de educação como as taxas de alfabetização de adultos e de frequência escolar também situam Londrina nas melhores posições do estado, juntamente com outros municípios (Figura 10). Mas vale notar que poucos estão, como Londrina, no topo da lista para tantos indicadores diferentes.

A taxa de alfabetização de adultos, que assinala o resultado de esforços para erradicar o analfabetismo, situa Londrina (e Maringá) num nível acima de 92%, fato que as destaca do resto da Região Norte. Esse nível também é observado na Região Oeste do Paraná e na vizinhança de Curitiba. As situações mais preocupantes concentram-se mais uma vez no centro do estado. A distribuição espacial da frequência escolar destaca, de um lado, Curitiba – isoladamente – ao Sul, e, de outro, as Regiões Norte e Noroeste do estado. Comparada com os municípios do centro, Londrina mantém, portanto, uma vantagem significativa, em um estado que parece no contexto nacional como globalmente desenvolvido, mas que apresenta contrastes muito significativos.

Convém, porém, lembrar que a situação de Londrina não é uniformemente boa, pois a cidade apresenta alguns problemas sérios a resolver como, por exemplo, o da violência, destacado pela taxa de homicídios (Figura 11), que a coloca na mesma faixa de Foz de Iguaçu, na tríplice fronteira, quando se espera que a sua situação interiorana a deixe em um patamar bem mais baixo.



**Figura 10. Homicídios**

Uma possível explicação pode ser que, apesar de interiorana, Londrina é atravessada por rotas muito ativas, algumas das quais de tráficos ilegais, o que nos remete a uma análise da sua situação em um contexto mais amplo.

## OS CAMPOS DE FORÇA DE LONDRINA

Os campos que devemos agora levar em conta para definir a situação de Londrina, no sentido mais pleno e mais forte da palavra, são conjuntos de fatores mais amplos que interagem para definir o contexto no qual a cidade se situa. Aqui devemos ir além do que a análise dos dados permite. Os fatores que pesam nessa situação são múltiplos, como estabeleceu a metodologia da “avaliação prospectiva dos territórios” desenvolvida na Maison de la Géographie de Montpellier, na França, nos anos 1990<sup>5</sup>. Eles correspondem não somente às distribuições de fenômenos no espaço, mas também a uma organização dessas distribuições, com focos, linhas de força, lacunas, gradientes, rupturas, frentes de conquista e abandonos, transições e flutuações. Alguns são culturais e sociais, com fortes dimensões históricas (estruturas familiares, estruturas fundiárias, comportamentos demográficos, atitudes políticas etc.). Outros são de ordem física (bioclimáticos em especial). Outros ainda são de natureza econômica e técnica (grau de industrialização, sistemas de produção agrícolas etc.). Alguns participam de vários desses domínios ao mesmo tempo como, por exemplo, o campo de “desejo” das opções turísticas ou das escolhas de lugares de aposentadoria, que faz de Florianópolis uma das localizações mais cobiçadas do país.

Campos de forças são de natureza principalmente relacional: um lugar se situa como mais ou menos “exposto” em relação a grandes fluxos de trocas, de migrações, de inovação. Esses campos são determinados pela existência de eixos, de pólos e de órbitas em redor desses pólos. Não é de modo algum indiferente estar a certa distância de Paris na França, ou de São Paulo no Brasil, ou em certo azimute.

---

<sup>5</sup> O artigo apóia-se na sua parte teórica em um texto redigido por Roger Brunet, *Évaluation et prospective des territoires*. GIP RECLUS. Montpellier: Maison de la Géographie de Montpellier, 1993. Esse “texto para a reflexão” tem nitidamente a marca do seu redator. Contudo, beneficiou-se amplamente, como o próprio Brunet reconhece, “das observações críticas, dos pontos de vista e dos trabalhos de vários membros da equipe da Maison de la Géographie de Montpellier, bem como um amplo debate com pesquisadores de equipes associadas” (p. 01, tradução nossa): o texto menciona Franck Auriac, André Dauphiné, François Durand-Dastès, Denis Eckert, Robert Ferras, Loïc Grasland, Yves Guermond, Nicole Mathieu, Hubert Mazurek, Denise Pumain, Thérèse Saint-Julien, Hervé Théry, Michel Vigouroux e Jean-Paul Volle.

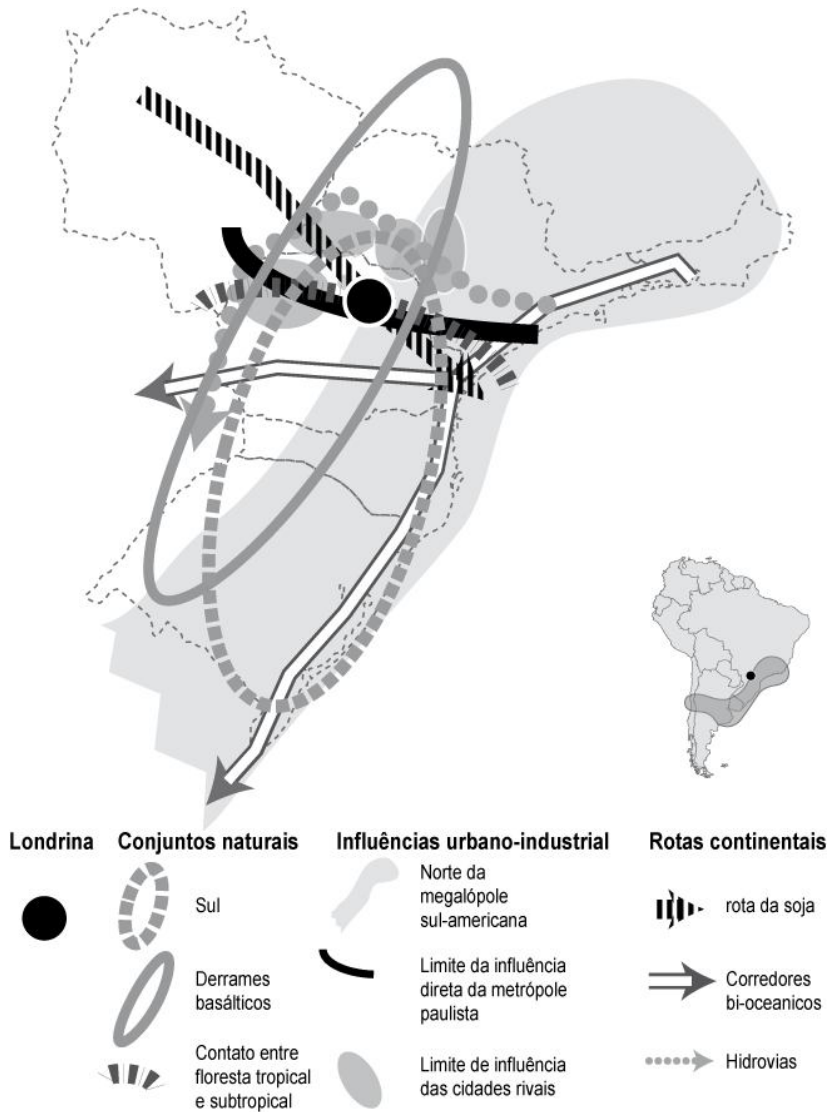
Para completar a contextualização estatística e cartográfica de Londrina no Brasil e no Paraná, pode-se então situá-la dentro dos “campos de força” da Região Sul do país (Figura 11). Esse modelo representa Londrina como um ponto de referência com um círculo preto, para não dizer uma “caixa preta”, simbolizando o sistema interno do município que, num primeiro momento, não é alvo da análise, mas que deve ser situado em conjuntos e sistemas relacionais de maior alcance; trata-se de definir os diferentes conjuntos geográficos com os quais a cidade interage.

Londrina participa primeiro da Região Sul do Brasil, que se caracteriza como um conjunto de paisagens, com características climáticas, ecológicas e formas de ocupação definidas. Ela se encontra ao norte desse conjunto e também numa faixa geológica onde uma pedogênese ativa produziu, a partir de um embasamento de derrames basálticos, os solos férteis da “terra roxa”, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento de sua história agrária, juntamente com as florestas tropicais e subtropicais que caracterizavam a vegetação predominante.

Do ponto de vista das influências dos sistemas urbanos e industriais, ela se situa na região centro-norte da megalópole sul-americana, em formação, entre Belo Horizonte, e Valparaíso do Chile, via São Paulo e Buenos Aires (BATAILLON, DELER e THÉRY, 1991), no seu limite ocidental. Na escala regional, Londrina exerce influência tanto no Estado de São Paulo quanto no próprio Estado do Paraná, mas tem que enfrentar a concorrência de outras cidades de porte médio, como Maringá no Paraná, Presidente Prudente, Marília e Lins em São Paulo.

Em termos de transportes de longa distância, Londrina é atravessada por vários fluxos que circulam em seu espaço. Entre esses, destacam-se a rota da soja, que liga as zonas de produção do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso ao porto de Paranaguá, trazendo para a região um tráfego intenso, que é, ao mesmo tempo, uma vantagem e um problema. Ela se encontra também na rota – ou perto da rota – de alguns dos corredores hidroviários e rodoviários que configuram os “corredores bioceânicos”, que cruzam o continente do Atlântico ao Pacífico (ver no *site* da IIRSA). Londrina goza finalmente de uma relativa proximidade de outros eixos do continente, como a hidrovia do Tietê-Paraná, que oferece uma via de escoamento norte-sul de grande importância para o continente.





© Hervé Théry 2007

**Figura 11. Campos de Forças de Londrina**

Por fim, nesta escala continental, esperamos ter deixado claro que a análise da situação do território estudado, no caso a cidade de Londrina, tal como proposto pela avaliação prospectiva dos territórios, vai muito além da simples determinação de suas coordenadas geográficas, o que um Sistema de Posicionamento Global (GPS) faria adequadamente; no entanto, tende a

colocar Londrina no centro de um eixo de conexões e relações que, sem determinar diretamente o seu desempenho – já que os seus habitantes têm obviamente uma margem de manobra para determinar como usá-lo – pesa no seu destino, positiva e negativamente.

Trata-se aqui, de uma certa forma, de fazer o que a escola clássica de geografia regional, cujas origens voltam aos trabalhos de Vidal de la Blache (por exemplo no *Tableau de la géographie de la France*), já chamava de situação – oposta ao sítio preciso da cidade – mas obviamente com os conceitos e instrumentos que um século de progressos na Geografia colocaram a nossa disposição, e em preliminar a uma série de outras análises de diagnóstico e de prognóstico incluídos no método. Foge do propósito deste artigo realizar essas análises que foram feitas no trabalho sobre Londrina já citado, mas esperamos que a transposição desse método para terras brasileiras seja tão frutífero como tantos outros, cujos produtos realizaram o desejo do poeta François de Malherbe (1555-1628) “Les fruits passeront les promesses des fleurs” (“Os frutos irão além das promessas das flores”).

## **BIBLIOGRAFIA**

BARROS, Mirian Vizintim Fernandes. *Análise Ambiental Urbana: estudo aplicado à cidade de Londrina-PR*. 1998. 235 f. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BARROS, Mirian Vizintim Fernandes; BARROS, Omar Neto Fernandes; MELLO, Neli Aparecida de; THÉRY, Hervé. Londrina, de la ville pionnière à la maturité. *M@ppemonde*, Montpellier, n. 73, jan-jun, 2004. Disponível em: <<http://mappemonde.mgm.fr/num1/articles>>. Acesso em: 06 abril 2007.

BATAILLON, Claude; DELER, Jean-Paul; THÉRY, Hervé. *La Géographie Universelle : Amérique Latine*. Paris: Belin/Reclus, 1991. V. 3.

BRUNET, Roger. *Évaluation et prospective des territoires*. GIP RECLUS. Montpellier: Maison de la Géographie de Montpellier, 1993.

\_\_\_\_\_. *Le Déchiffrement du Monde*. Paris: Belin, 2001.

DELAMARRE, Alette. *La prospective territoriale*. Paris: Datar/La documentation française, 2002.

ECKERT, Denis. *Évaluation prospective des territoires*. Paris: Reclus/La documentation française, 1996.

BARROS, Mirian Vizintin Fernandes; ARCHELA, Rosely Sampaio; BARROS, Omar Fernandes; THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de; GRATÃO, Lucia Helena Batista. *Atlas urbano ambiental de Londrina*. On-line. Disponível em: <<http://www.uel.br/atlasambiental>>. Acesso em: 15 março 2005.

INICIATIVA PARA LA INTEGRACIÓN DE LA INFRAESTRUCTURA REGIONAL SURAMERICANA (IIRSA). *Home page* do fórum de diálogo entre as autoridades responsáveis pela infra-estrutura de transporte, energia e comunicações nos doze países sul-americanos. Disponível em: <[http://www.iirsa.org/home\\_POR.asp?Codldioma=POR](http://www.iirsa.org/home_POR.asp?Codldioma=POR)>. Acesso: 07 abril 2007.

LESTRINGANT, Franck. *Le Brésil d'André Thévet*. Les singularités de la France Antarctique (1557). Paris: Chandeigne, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA. *Atlas do Município de Londrina*. Londrina: Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 2000. 89 p.

MELLO, Neli Aparecida de; THÉRY, Hervé. *Atlas do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2005.

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo (Org.). *Atlas da exclusão social no Brasil: os ricos no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2004. V. 3.

PUMAIN, Denise; SAINT-JULIEN, Thérèse. *L'analyse spatiale*. 1. Localisation dans l'espace. Paris: Armand Colin, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *Situations*. Paris: Gallimard, 1948-1976. 10 v.

SARTRE, Jean-Paul. *Situations : Essais critiques*. Paris: Gallimard, 1948. V. 1.

\_\_\_\_\_. *Situations : Littérature et engagement*. Paris: Gallimard, 1948. V. 2.

\_\_\_\_\_. *Situations : Lendemains de guerre*. Paris: Gallimard, 1949. V. 3.

\_\_\_\_\_. *Situations : Portraits*. Paris: Gallimard, 1964. V. 4.

\_\_\_\_\_. *Situations : Colonialisme et néo-colonialisme*. Paris: Gallimard, 1964. V. 5.

\_\_\_\_\_. *Situations : Problèmes du marxisme 1*. Paris: Gallimard, 1964. V. 6.

\_\_\_\_\_. *Situations : Problèmes du marxisme 2*. Paris: Gallimard, 1965. V. 7.

\_\_\_\_\_. *Situations : Autour de 68*. Paris: Gallimard, 1972. V. 8.

\_\_\_\_\_. *Situations : Mélanges*. Paris: Gallimard, 1972. V. 9.

\_\_\_\_\_. Situations : Politique et autobiographie. Paris: Gallimard, 1976. V. 10.

THÉRY, Hervé. Modélisation graphique et analyse régionale. Une méthode et un exemple. *Cahiers de géographie du Québec*, Québec, v. 32, n. 86, p. 135-150, set/nov, 1988.

THÉRY, Hervé. Modelização gráfica para a análise regional: um método. *GEOUSP Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 15, p. 179-188, jan-jun, 2004.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. *Tableau de la géographie de la France*. Paris: La Table Ronde, 1994 [1903].

*Recebido em 14/04/2007*

*Aceito em 07/09/2007*